

Noturno

Denny Guinevere

Minha carne dilacerada, esfolada, sangrava.

Exposta.

A adaga do destino cravada em meu peito me fez estremecer, sofrer.

Como curar um coração morto? Esquecido?

O ódio empurrando-me para o abismo, saciando a loucura de estar entre loucos.

Não desejava morrer, sepultar, mas via a morte a me acompanhar, Clamar.

Afogar-me em ilusões, sofrimento.

Desejar-me. Manipular-me.

Acorrentada em minha própria destruição marchei.

Caminhei no vale das sombras, das almas perdidas enquanto ouvia minhas lamúrias.

Porque me era negado sorrisos? Porque me era negado amor?

Por ser eu um ser noturno?

Desencadeei-me em lamentos.

Preso nas fossas de meu ser.

Meu corpo pútrido marcados por pecados

Esquecido nos milhares de anos que ainda tinha que sobreviver



VAMPIROS!

Por: Adriano Siqueira - siqueira.adriano@gmail.com

Eternas criaturas noturnas!

Que seu legado permaneça nas mentes dos homens através da sua sedução, do seu prazer e da sua fome que será sempre...

Insaciável!

Se você escreve contos de vampiros ou poemas e quer colocar neste fanzine envie uma mensagem para siqueira.adriano@gmail.com com o assunto "contos para o Fanzine Adorável Noite" para avaliação e provável inclusão. Peço a gentileza de enviarem contos pequenos para ter mais participações.

Abraços e tenham todos uma Adorável Noite

Adriano Siqueira

ADORÁVEL NOITE

Leia mais no blog - www.contosdevampiroseterror.blogspot.com

nº36



Foto: Fabiana Ferreira - Hope Oleander

Contos de Vampiros e Terror

www.adoravelnoite.com

ADORÁVEL NOITE

PRODUÇÃO E COLABORAÇÃO

CRIAÇÃO, ADRIANO SIQUEIRA - SIQUEIRA.ADRIANO@GMAIL.COM



Vampiros da internet:

<http://www.contosdevampiroseterror.blogspot.com.br/>

<http://www.adoravelnoite.blogspot.com.br/>

<http://www.adoravelnoite.com>

<https://www.facebook.com/groups/184469604470/?fref=ts>

<https://www.facebook.com/pages/Adoravel-Noite/170914879624002?fref=ts>

<https://www.facebook.com/adriano.siqueira?fref=ts>

Desejos Mortais

Adriano Siqueira - siqueira.adriano@gmail.com

Quero ver meu sangue em sua boca.

Seguido de um beijo para sentir o gosto.

Docê veneno que me enlouquece.

Desejo que você passe a língua em meu pescoço

para lambar as gostas que estão descendo para o meu peito.

Desejo que rasgue minha roupa e me ataque como um predador.

Arranhe minhas costas e rosne como uma leoa.

Desejo que me dê tudo de você,

para que eu possa lembrar eternamente desta noite.

E com um sorriso, eu possa dizer ao lembrar:

Vampiras... que loucura.



ADORÁVEL NOITE

correndo e alguns segundos depois o velho estava em meu encalço grunhindo como um cão faminto atrás de um pedaço de carne. A distância entre nós estava diminuindo gradativamente, então desesperadamente entrei em um quiosque abandonado e me escondi atrás do balcão. Peguei uma das garrafas de cerveja vazia que jaziam por ali e esperei sentado e ofegante. Comecei a rezar, mas parecia que nada adiantava, eu já podia ouvir sua respiração profunda e alta e seus passos se aproximando. O velho estava farejando, não sei como aquilo era possível, mas o maldito pareceu sentir o meu cheiro e saltou para trás do balcão, me encarando com seus olhos negros, de um brilho faminto e sádico. Ataquei sua cabeça com a garrafa quebrada, mas não pareceu sentir a dor do vidro penetrando em sua pele. O desgraçado eviscerou meu pescoço com seus dentes, sugando a cascata de sangue que dele jorrava. Assim que terminou eu já não conseguia mais respirar, fui perdendo os sentidos enquanto agonizava de dor. Ele se levantou normalmente e limpou sua boca suja de sangue. Já não era mais um velho, a sua pele havia rejuvenescido instantaneamente.



Encontro com a Vampira

Adriano Siqueira - siqueira.adriano@gmail.com



A noite, sem uma vampira, é o mesmo que não ter estrelas, não ter lua e não ter céu.

Pois a magia que ela emana é única.

O abraço da vampira deixa eterna marcas.

Uma conversa, um toque, um sorriso e a esperança de que cada noite sera melhor, mas quente e mais apaixonante.

Como eu queria a eternidade, mas ela me disse que somos eternos, que já temos nossa própria maneira de viver para sempre e que ainda temos a vantagem de escolher o que queremos.

Diferente dela, que nunca terá escolha.

Será eterna e solitária. Ainda disse que temos o dom de sermos o que quisermos ser, mas ela não.

Será sempre a mesma coisa para todo o sempre.

Então... Ela me beijou e seguiu seu caminho.

Eu... Fiquei ali... Calado, com lágrimas nos olhos.

Tento olhar as estrelas, mas a minha vista estava embasada demais.

Então imagino que caminho eu escolheria, mas não existe caminho nenhum.

Meu coração tinha ido com ela. Coloco a mão no meu pescoço e sinto o meu sangue sair lentamente.

Ela me mordeu.

Meu sorriso voltou.

Em breve então, irei encontrá-la!



ADORÁVEL NOITE

Um vampiro na praia

Hélio Flávio - helioflavio41@hotmail.com

Croácia, 1885

Na madrugada de ontem cheguei em Opatija, uma bela cidade situada a cerca de 250 quilômetros de Veneza, na Itália. A Medicina ocupava muito do meu tempo e durante as minhas férias eu procurava viajar por alguns países a fim de conhecer as peculiaridades de suas culturas. Opatija não era grande, mas era linda e o fato de ser banhada pelo mar contribuía para sua beleza. A noite dava um toque de singela obscuridade, as costas rochosas eram iluminadas. O barulho das ondas quebrando me traziam paz, mas descobri mais tarde que as águas trouxeram muito mais que tão somente a tranquilidade.

Resolvi caminhar pela praia durante a madrugada, momento em que poderia apreciar a paisagem noturna sem ser incomodado.

Enquanto caminhava ouvi alguns baques metálicos que pareciam vir de trás de algumas grandes rochas, me aproximei contornando-as e avistei uma caixa prateada presa entre algumas pedras menores, a água do mar a empurrava constantemente, por isso o som metálico. Havia um símbolo esférico em sua tampa com dizeres em um linguajar que eu nunca havia visto, possuía alguns encaixes nas laterais, os quais usei para trazê-la até a areia. Toquei no símbolo e algo começou a estalar, pareciam correntes movimentando algum espécie de mecanismo interno. O local aonde estava o símbolo afundou deixando apenas um espaço vazio. Tentei olhar dentro da caixa, porém estava muito escuro para enxergar. Então coloquei minha mão no local a fim de descobrir uma trava interna ou algo semelhante e imediatamente senti algo cortá-la, a retirei rapidamente, havia sido feito um corte minucioso e preciso na palma de minha mão. Mais estalos vieram da caixa e a tampa se soltou. Eu a empurrei e me deparei com um cadáver de um homem velho, o seu cheiro fétido esmagou minhas narinas, sua boca estava escancarada e sua língua havia sido perfurada por uma estaca fina, o mesmo havia sido feito com suas mãos e pés. Acho que o instinto de qualquer pessoa seria sair correndo, mas eu já havia visto cenas piores durante meu ofício, sendo assim resolvi retirar o corpo da caixa. Os pregos não saíam, pois estavam presos no fundo, então forcei os pés e as mãos do homem para cima até que saíssem dos pregos, arrastei seu corpo para fora e o coloquei na areia. Esperei inutilmente por alguns segundos, como se o corpo fosse se levantar subitamente e sair correndo, mas obviamente já estava sem vida. Porém, quando fui tocar seu rosto o cadáver em um movimento ágil e muito rápido para que eu me esquivasse segurou minha mão e cravou fortemente seus dentes nela. O velho respirava com dificuldade, fiz uma força imensa e consegui me soltar. Não era possível um corpo naquelas condições estar vivo, então corri como o diabo para qualquer lugar longe daquela coisa. Quando olhei para trás o velho se levantava cambaleante, os olhos estavam completamente negros como ébano e sua boca se abriu revelando um cadeia de dentes afiadíssimos. Aterrorizado, continuei



ADORÁVEL NOITE

A CHAVE

Andrea Carvalho

andreacarvalho71@gmail.com

Não tenho medo de fantasmas. Quero dizer, quase nunca. Porém, confesso que me assustei. Era apenas um sonho, mas nele vários seres de outro mundo me perseguiam. Corri, corri e, já desesperada, acordei. Dei um pulo ao despertar na minha poltrona no final do ônibus. Fazia frio e mesmo assim eu estava suando. Olhei pela janela na tentativa de me recompor e vi a fumaça ao longe. Cerrei os olhos para ter mais nitidez e por alguns segundos tentei enquadrar o incêndio, mas tudo o que pude ver foi o imenso mato que corria pela beira da estrada e lá na floresta, escondido, o telhado de uma casa velha. Assim como apareceu, sumiu. O cheiro ficou no ar.

A viagem estava tão cansativa que nenhum dos passageiros pareceu se importar. Muitos ainda dormiam. A impressão que tive é que somente eu vi aquilo. Dei de ombros. E o ônibus veloz deixou o fogo para trás.

Apesar do pequeno susto ao acordar, os pensamentos finalmente foram se tornando mais claros.

Éramos uns 30 passageiros naquele veículo. Cada um carregando seus sonhos e planos. Os meus eram simples: instalar-me confortavelmente na pacata cidade e recomçar a vida. Aceitei o emprego numa casa de família. Pelo anúncio no jornal seriam duas crianças que ficariam sob minha responsabilidade. Perfeito, pensei entusiasmada. Fiz as malas e lá fui eu.

A pousada que reservei era perto da prefeitura. Desembarquei e a pé mesmo achei o endereço. Instalada, refeita da viagem, fui tomar posse no meu novo emprego. Salário digno, casa e comida. Para aquele momento, me bastavam.

Chegando lá fui muito bem recebida. As crianças? Educadas e prestativas. Uma menina linda de cabelos cacheados e o irmão gêmeo de sorriso maroto. Imaginei que não teria muito trabalho com eles.

Em poucos dias deixei a pequena pousada e fui morar no quarto de hóspedes da casa. Logo me adaptei à rotina. Os padrões rapidamente se transformaram em pais adotivos para mim. Eu estava muito feliz ali. Acumulei algumas funções e além de cuidar da educação das crianças, passei a organizar a cozinha e a casa. Também passou a ser minha responsabilidade as compras no mercado.

Certo dia, indo em direção ao centro para comprar frutas e legumes, passei em frente a uma casa velha, quase caindo aos pedaços. Achei estranho, nunca tinha reparado na tal casa. Mas lá estava ela, fria e mal acabada, quase mal assombrada. Acelerei o passo e não olhei para trás. Mesmo não acreditando em fantasmas, nunca se sabe. Nos sonhos eles me assombram.

Na pressa de me livrar do calafrio que senti ao passar pela construção antiga, dobrei na rua errada.

— Ah não, errei o caminho, lamentei a um gato que me olhava de soslaio. Mas fui em frente. Vi que lá longe a rua se bifurcava. Rua deserta, apenas terrenos arenosos ou abandonados. Caminhava rapidamente. Perdi de vista a casa velha. E me deparei com outra esquisitice: uma casa escondida atrás das árvores. De muitas árvores. Quase uma floresta. Curiosa, fui vencida pelo impulso e entrei pelo matagal. A minha esperança era conseguir alguma informação de como chegar ao centro da cidade.

Vindo do nada, apareceu um homem mais assustado que eu, pedindo ajuda. Desesperado, em pânico, falava de um incêndio na casa. Estiquei o pescoço e avistei a fumaça. Imediatamente me vi de volta ao ônibus, apavorada olhando pela janela e encarando a mesma nuvem negra, o mesmo telhado. Tentei afugentar a visão, disfarcei e me prontifiquei a chamar os bombeiros ou carregar água para reduzir as chamas. O homem implorou para eu não fazer isso, ele queria apenas que eu cuidasse de uma caixa que carregava nas mãos. Eu disse que sim, cuido, mas o que você vai fazer?

— Vou voltar, me disse ele. Preciso voltar.

ADORÁVEL NOITE

– Não, insisti. Está um cheiro forte de queimado, pelo barulho das labaredas imagino que esteja muito perigoso entrar por aí.

Mas ele implorou para que eu pegasse a tal caixa e correu em direção a casa. Fui atrás dele, mas me perdi entre tantas árvores que cercavam o lugar. Quando finalmente enxerguei a fachada da casa percebi que não havia fogo. Nem o homem estava lá. Atônita, dei uma volta completa no terreno. Nem sinal de fumaça. Bati na porta e nada. Ninguém atendeu. Voltei para o matagal aos gritos por alguém. Eu não podia acreditar: ele entrara por aquelas árvores e não saiu em lugar algum! E o fogo, se foi?

Ouvi um carro ao longe. Fui correndo em direção à rua e fiz sinal para o motorista que estacionou. Surpreso me deu boa tarde. Perguntei se tinha visto um rapaz, sujo, apavorado, correndo por ali e ele me garantiu que não. Contou inclusive que estava há algum tempo no início da rua trocando o pneu furado e jurou que não viu ninguém, nem indo, nem vindo. A não ser eu. Fogo? – Não senhora, só o sol quente mesmo.

A mesma sensação de medo dos meus sonhos invadiu meu corpo. Fiquei com as pernas bambas. Esqueci que estava indo fazer compras e voltei para casa dos patrões. Aos prantos. Eu sabia o que tinha visto, o que tinha sentido. O cheiro de queimado estava lá. Eu não podia ter imaginado tudo aquilo e finalmente lembrei: eu tinha a tal caixa comigo. Eu não estava louca.

Corri para meu quarto e quase quebrei a caixa ao abri-la afoitamente. Dentro dela, uma chave. Nada escrito. Nem uma pista do que poderia ser. Escondi embaixo da cama. Caixa, chave e medo. Limpei o rosto, dei uma desculpa qualquer sobre voltar de mãos vazias das compras e fui cuidar do jantar.

Os dias seguiram como se nada dos últimos acontecimentos fosse verdade. Quando o medo quase sumiu voltei a ter pesadelos. E eles se repetiam e se repetiam. Acordava no meio da madrugada com a nítida impressão de que alguém estava comigo no quarto. O pânico tomou conta de mim. Com as noites insones meus afazeres ficavam a desejar. As crianças se afastaram. Os donos da casa já me olhavam desconfiados. Com o tempo além dos sonhos, o cheiro de queimado passou a me atormentar. Sentia no quarto, no banheiro, na cozinha, na sala. Eu, sem saber o que fazer ou pensar, procurava o fogo e não encontrava nada. Procurava embaixo das escadas, atrás das portas, afastava os móveis para achar alguma fagulha, uma fumaça que fosse. Minha figura já estava de dar pena.

Comecei a imaginar que a tal caixa com a chave tinha alguma coisa a ver com isso. Cansada de me sentir apavorada, falei com o filho do jardineiro para me acompanhar até a casa onde encontrei o homem apavorado. O rapaz foi comigo e encontramos tudo bem, nada destruído. Ele também sentiu um leve cheiro de fumaça e chegou a ouvir um barulho que me descreveu como algo queimando. Mas não havia sequer indícios de que alguém estivesse por lá. Tentei a chave em todas as portas e nenhuma abriu. Desistimos.

Não me dei por satisfeita e voltei no dia seguinte por conta própria. Será que a chave abre algo que está dentro da casa? Forcei uma entrada na janela mais velha que encontrei. Apenas o reboco caiu. Inútil. Gritei de tanta frustração. A única resposta foi o vento balançando as árvores. Aliás, a floresta que cercava a casa estava mais densa e parecia ainda maior naquele dia.

Agora estou aqui. Louca e sozinha. As crianças choram ao chegar perto de mim. Dizem que estou sempre com esse cheiro de queimado na roupa, nos cabelos, na pele e sentem medo dos meus olhos endiabrados. Meus patrões mandaram me internar. Eu continuo a sentir o calor do fogo. Às vezes tenho a nítida impressão de ver no corredor do sanatório as labaredas subindo pelas paredes. É só manter os olhos bem fechados que a visão vai embora. Menos o cheiro. E a chave? Está aqui comigo, dentro da caixa. Todos os dias olho para ela e imagino que porta a chave abre. Ou pior, que porta ela deveria manter trancada.

ADORÁVEL NOITE

A joia da Condessa

Por: Patrícia Carla dos Santos

blog: www.bondgirlpatthy007.blogspot.com

Twitter: @bondgirlpatthy



São Paulo - Século XIX

A Condessa Joana Le Reis era muito famosa não só pela sua riqueza e beleza, mas também por uma joia rara que adornava seu colo: Um pingente arredondado com uma pérola negra. Este pingente era cobiçado por todos, pois dizia a lenda que a joia da condessa era um tesouro sagrado para os vampiros. Condessa Joana era a vampira guardiã desta joia e viveu durante séculos como mortal no mundo dos humanos para proteger seu poder e seu reino.

São Paulo – Dias atuais 2011

Um grande museu paulistano exibia peças raras do século XIX. O público lotava a exposição todo dia, era um sucesso. Peças de encher os olhos.

Certa noite, no museu completamente vazio, o alarme soa. Uma das peças fora roubada, o pingente da Condessa Joana Le Reis e nada mais. O roubo foi amplamente noticiado na mídia.

A agente brasileira Karlla que trabalhava no MI- 6 e estava de férias no Brasil foi chamada para resolver o caso.

Tomando conhecimento da lenda que envolvia o tesouro, a agente começou a investigar o roubo. Chamou seu colega Guto que entendia muito de vampiros e era fascinado pela lenda da joia da Condessa Le Reis. Talvez essas informações pudessem ajudar.

Karlla e Guto viraram várias noites e vários dias interrogando visitantes da exposição dos vampiros. E quando parecia que não havia pistas, um pequeno detalhe que todos os visitantes relatavam poderia ser a chave do mistério.

Entre os interrogados havia um rapaz muito elegante e charmoso que ninguém sabia o porquê ia visitar essa exposição todos os dias mesmo pagando o caríssimo ingresso de R\$ 200,00. Nem os funcionários do museu sabiam por que o rapaz tão elegante sempre chega ao museu, paga sua entrada e fica olhando para uma única peça sem desviar o olhar. Estranhamente foi descoberto que no dia do roubo da joia ele não foi ao museu.

Aparentemente: O circuito de segurança captou a figura de um homem alto, moreno dos olhos azuis na noite e horário do roubo.

Quando Guto se deparou com a imagem do tal rapaz, foi verificar em seus registros de pesquisa sobre Joana Le Reis que mantinha em seu computador e mostrou à Karlla que comparou as imagens e notou que as fotos da pesquisa de Guto eram as mesmas imagens da câmera de segurança.

Teve a certeza do resultado das investigações, após colocarem as palavras

“Condessa Joana Le Reis” no site de buscas ali estava todo o mistério. O tal rapaz elegante era o Conde Eder Le Reis, marido de Joana.

Joana fora morta com uma estaca de roseira selvagem. Seus inimigos a mataram para apoderar – se de seu pingente e do reino dos vampiros.

Desde então Conde Eder viaja pelo mundo através dos tempos apenas para admirar a joia de sua falecida esposa. E decidiu num desses dias roubar a joia para si e assim, de certa forma, sempre estar perto de sua amada Joana.